

FILOSOFIA E ESTÉTICA DA AMIZADE NOS CONTOS DE MACHADO DE ASSIS

Osmar Pereira Oliva*

 <https://orcid.org/0000-0002-3933-5962>

Como citar este artigo: OLIVA, O. P. Filosofia e estética da amizade nos contos de Machado de Assis. *Todas as Letras – Revista de Língua e Literatura*, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 1-17, jan./abr. 2026. DOI: <https://doi.org/10.5935/1980-6914/eLETOL16904>

Submissão: 22 de março de 2024. **Aceite:** 23 de agosto de 2025.

Resumo: Este artigo propõe uma aproximação entre literatura e filosofia, a partir das representações da amizade masculina, presentes em alguns contos de Machado de Assis. Em “Pilades e Orestes” e “Almas agradecidas”, a racionalidade e o interesse de um amigo se sobrepõem ao sentimento e à sujeição do outro. Em “Ayres e Vergueiro”, os amigos se aproximam pela semelhança e pela identificação.

Palavras-chave: Literatura. Machado de Assis. Filosofia. Amizade. Identificação.

* Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes), Montes Claros, MG, Brasil. E-mail: osmar.oliva@unimontes.br

INTRODUÇÃO

■ **A**s reflexões filosóficas podem ser comprovadas nos diversos gêneros literários em que se manifestou o escritor oitocentista Machado de Assis. O diálogo com a filosofia pode ser percebido nas correspondências que trocou com os seus amigos mais íntimos, como Magalhães Azeredo; essa presença também é perceptível em muitos poemas dos quatro livros de poesia que publicou, nas crônicas, nas peças de teatro, nos romances e nos contos. O criador de Quincas Borba, personagem que apresentou a Brás Cubas o humanitismo, teve em sua biblioteca particular uma variedade de livros de filosofia, como apontou Glória Viana¹. Muitos escritos sobre filosofia leu Machado de Assis, o que se comprova pelas referências e citações presentes em sua produção literária². No entanto, as leituras de filosofia que Machado realizou, as referências abundantes a filósofos e a construção de personagens que discutem ou “fazem” filosofia não são suficientes para afirmarmos que ele tenha sido um filósofo ou que sua criação artística seja obra de Filosofia. O que pretendemos discutir são os diálogos que esse escritor estabeleceu com a filosofia ao elaborar a sua ficção. Especialmente, trataremos da estética da amizade masculina a partir de alguns contos, para refletir, também, sobre a condição humana, seguindo as concepções de moral, segundo Nietzsche (2006).

Críticos de literatura têm percebido que Machado de Assis dedicava uma atenção grande à filosofia, sobretudo em relação ao pessimismo e à ironia que o aproximam de Blaise Pascal e Arthur Schopenhauer. José Raimundo Maia Neto (2007), em *O ceticismo na obra de Machado de Assis*, discute as primeiras emanções do pirronismo nos contos iniciais de Machado de Assis (de 1862 a 1878) e suas reverberações nos romances da maturidade *Memórias póstumas de Brás Cubas*, *Dom Casmurro* e *Memorial de Aires*. Os estudos baseiam-se nas ressonâncias filosóficas de Erasmo, Pascal e Montaigne para a representação cética na ficção machadiana. Retomam, portanto, os demais estudos já realizados que apontaram essas aproximações.

Miguel Reale (2009), em “A filosofia na obra de Machado de Assis”, ressalta o aspecto teórico na obra machadiana, estratégia pela qual demonstra uma “mania de filosofar” ou uma “mania racionante”, presente no caso do emplasto para cura da hipocondria, na lei da equivalência das janelas, na teoria das edições, na teoria das erratas, na teoria dos medalhões, na teoria do humanitismo, entre outros tantos exemplos. Mas interessante mesmo é o apontamento de que, apesar do método teórico, segundo Reale (2009), Machado de Assis não pode ser considerado um realista autêntico nem um naturalista, devido à primazia psicológica que se depreende de suas narrativas, enfatizando a subjetividade. Nesse sentido, afirma o filósofo:

1 Estudos sobre o acervo literário de Machado de Assis constam no livro *A biblioteca de Machado de Assis*, organizado por José Luís Jobim (2001). No seu levantamento de obras filosóficas, Glória Viana revê um estudo realizado por Jean-Michel Massa em 1961, atualiza os dados e nos informa os seguintes títulos: *Critique des systèmes de morale contemporains*, de Alfred Fouillee; *Études morales et politiques*, de Edouard Laboulaye; *La philosophie*, de André Lefèvre; *Philosophie contemporaine*, de M. Amédée Margerie; *Oeuvres complètes*, de Spinoza; *Oeuvres de Platon*, *Les vies de hommes illustres*, de Plutarco; *Philosophie de l'inconscient*, de Edouard Hartman; *Esthétique*, de Hegel; *La philosophie de Schopenhauer*, de Théodule Ribot; *Aphorismes sur la sagesse dans la vie*, de Arthur Schopenhauer; *Emile ou de l'éducation* e *Les confessions*, de Jean-Jacques Rousseau, entre outros (Jobim, 2001, p. 144-274).

2 Apenas para citar alguns exemplos, em *Memórias póstumas de Brás Cubas*, o narrador refere-se a Blaise Pascal como seu “avô espiritual”. Em outras passagens, menciona os estoicos Zenão de Cício e Sêneca. Nesse mesmo livro aparecerá a personagem Quincas Borba, “filósofo” do humanitismo, o qual ganhará um livro especialmente dedicado a ele. Em “Conto alexandrino”, as duas personagens são dois “filósofos”.

Machado de Assis trouxe-nos algo que transcende a sua posição de homem de letras: é o fermento crítico injetado no cerne de nossa cultura, ao focalizar as perplexidades todas do ser humano, paradoxalmente visto como valor fundante e, ao mesmo tempo, destituído de sentido próprio na imanência de sua dolorosa e imprevisível trajetória (Reale, 2009, p. 33).

John Gledson (2005), em seu livro *Machado de Assis: impostura e realismo*, no capítulo 4, “Ideologia e religião”, discute a sátira da filosofia nos romances *Dom Casmurro*, *Memórias póstumas de Brás Cubas* e *Quincas Borba*. Segundo Gledson, Machado agrupou as diversas doutrinas filosóficas de seu tempo sob o nome de humanitismo, por meio do qual as ridicularizou. Machado estaria assim apresentando ao seu leitor

[...] o pensamento em ação, não em um nível filosófico abstrato, mas num contexto psicológico e como função desse contexto. Mais especificamente, ele mostra como o cristianismo, sem dúvida uma doutrina mais difundida e influente que o positivismo, pode, apesar de seu preceito de amor ao próximo, conciliar-se com o egocentrismo e o desdém pelos outros [...] (Gledson, 2005, p. 143).

Dessa reflexão de Gledson, tomamos as expressões “egocentrismo” e “desdém pelos outros” como chaves de leitura de alguns contos machadianos que poderiam nos conduzir ao apontamento de uma ética invertida, em busca de interesses individuais, cujos meios abomináveis podem ser justificados pelo alcance do glorioso fim. Em outras palavras, algumas personagens são motivadas pelo mal, por uma moral distorcida, egoísta, mas que comprovam uma “vontade interior e involuntária”, de acordo com Schopenhauer, responsável pela sobrevivência da espécie. O desejo de viver é, pois, uma perfeita justificativa do egoísmo. No entanto, essa nova filosofia, ou ética invertida, não encontra aceitação pacífica em meio à sociedade, mesmo que uma grande parcela dela seja egoísta e demonstre constantemente um verdadeiro desdém pelo sofrimento alheio, o que, na ficção machadiana, caracteriza a crítica e a ironia dirigidas às hipocrisias da humanidade. O mal e o egoísmo são reais, mas é preciso a existência de uma doutrina, de uma moral ou de uma ética que os neguem, que os inutilizem, daí o surgimento, no século XIX, de teorias otimistas e progressistas, como as de Hegel e Comte.

Afrânio Coutinho (1959, p. 61), ao discutir a formação filosófica e a atitude espiritual em Machado de Assis, aponta a filiação estética desse autor a Pascal e Montaigne, pelo viés do pessimismo, a que o crítico, ainda de tendência determinista, associa “os antecedentes e motivos pessoais, de ordem social, psicológica e hereditária, provenientes da sua origem, da sua raça e da sua doença”. Esses motivos, segundo o crítico, acharam respaldo na filosofia de Pascal, de Montaigne e de Schopenhauer e no livro de *Eclesiastes* no que concerne ao desencanto e à visão negativa sobre a vida e sobre o homem. Não nos interessa aqui essa discussão, até porque discordamos relativamente desse posicionamento, mas, sim, a indicação que Coutinho (1959) faz de que Machado, na sua fase madura, teria se afastado das tendências românticas para reencontrar-se com o que desde a juventude fora: um clássico. Entendamos clássico no sentido de uma formação intelectual que tenha como base autores como Cervantes, Shakespeare e Montaigne – os quais se dedicaram a estudar os homens, conhecê-los, pintá-los, explicar os motivos de suas condutas, penetrar o segredo de suas condições, para dar-nos uma fisionomia psicológica, uma visão de suas paixões, de seus sentimentos e de seus conflitos, como reflete Afrânio Coutinho (1959).

A obra machadiana da maturidade se distingue como clássica não somente pela preocupação da análise psicológica, mas também pela intenção racional de compreender o mundo, pelo gosto do universal, pelo sentimento da realidade natural e da verdade observada, cuja influência direta vem de Montaigne, em seus *Essais*. De Pascal, Machado abstraiu a visão negativa do mundo, o pessimismo absoluto, o homem sem qualquer possibilidade de reação e de grandeza perante sua miséria, social e étnica. De Montaigne, a compreensão do homem como um ser mutável, incoerente, inconstante, diverso, mais detentor de defeitos que de qualidades.

Segundo Coutinho (1959), diferentemente de Pascal, Machado não acreditava em uma possibilidade de redenção humana por meio de um socorro divino, e, em relação a Montaigne, consolidou-se na obra machadiana o conceito de homem como um ser doente, moral e psicologicamente. Dentro do homem, só abismo, contradições, enigmas, taras, dúvidas.

Sérgio Buarque de Holanda (2005) escreveu um brevíssimo ensaio, resenhando as principais ideias constantes no texto de Afrânio Coutinho, que intitulou, também, de “A filosofia de Machado de Assis”. Holanda (2005) não aceita a simplificação com que Coutinho (1959) tratou a questão da influência de Pascal e Montaigne sobre Machado de Assis – e considera que o crítico traduziu mal o pessimismo, o “ódio à vida”, que encontramos na obra machadiana. Para comprovar a sua argumentação, Holanda (2005) cita e comenta dois trechos do conto “Viver” e de *Memórias póstumas de Brás Cubas* – o capítulo do delírio. Nesses trechos, Holanda (2005, p. 311) salienta o desejo de viver das personagens machadianas e questiona:

Até onde é exato semelhante conceito expresso nesses termos cabais? E admitindo que os bons sentimentos são deliberadamente negados pelo romancista, até onde é lícito admitir que ele só enxergou maldade no mundo? O que parece certo é que a maldade, os maus sentimentos, são a seu ver tão inexistentes, ou melhor, tão absurdos como a bondade. E tão ridículos, se quiserem.

Sérgio Buarque de Holanda discorda de Afrânio Coutinho também quanto à discussão que este realiza acerca do humorismo, como se rejeitasse o conceito de ceticismo, sob a justificativa de que a atitude cética não explica toda a obra de Machado de Assis. Para Holanda, o humor é uma manifestação do ceticismo, ainda que seja diferente do humor segundo se apresenta na obra de Anatole France, o qual desprezava o homem com uma certa ternura. Já Machado “não parece deliciar-se profundamente em sua própria descrença. E talvez sentisse como uma inferioridade a inaptidão para ver os homens de outra forma, para julgá-los dignos de amor” (Holanda, 2005, p. 311).

Se não concordamos plenamente com as reflexões de Coutinho, ressaltamos o que o crítico apontou de melhor em sua reflexão: a constituição de um espírito clássico em Machado de Assis, a partir das suas leituras de Cervantes, Shakespeare e Montaigne, sobretudo no que concerne à introspecção psicológica, em busca de analisar a conduta humana e representar, para nós, seus leitores, os conflitos internos, as contradições e os mistérios que povoam nossa nebulosa personalidade.

Francisco Ortega (1999) discute a amizade e a estética da existência a partir da *História da sexualidade*, de Michel Foucault, esboçando a teoria da amizade, que seria o tema principal do volume IV da obra foucaultiana, cuja tese não

chegou a ser desenvolvida. Para Ortega (1999, p. 26), a amizade é o projeto inacabado de Foucault, “sendo também um elemento de ligação entre a elaboração individual e a subjetividade coletiva [...] um convite, um apelo à experimentação de novos estilos de vida e de comunidade”. Reabilitar a amizade é uma forma de repensar as formas de relacionamento existentes na sociedade moderna, limitadas e simplificadas.

Como afirma Michel Foucault (1999), no amigo encontramos triplo apoio: emocional, cognitivo e material. Mesmo concordando com o pensamento de Foucault, acreditamos que os relacionamentos entre homens, normalmente, são bloqueados pelo temor de despertar a afetividade. No prefácio da obra de Ortega (1999), Jurandir Freire Costa diz que a amizade foi sempre vista com receio: de um lado, a “desafetivação” da amizade no cristianismo, no qual se oblitera e substitui a filia pelo ágape. A Igreja negligenciava a amizade, no século XVI, sob suspeita de homossexualidade; o mesmo temor dos padres quanto à amizade de Bentinho e Escobar, em *Dom Casmurro*, durante o período em que eles estavam no seminário e manifestaram, publicamente, a sua forte amizade. De outro lado, na literatura filosófico-moral do começo do século XIX, a amizade foi tratada como ampliação da família.

“PÍLADES E ORESTES”: ILUSÕES DE UMA PERFEITA AMIZADE

Originalmente publicado na coletânea *Relíquias de casa velha* (1906), o conto “Pílares e Orestes”³ retoma a história de dois jovens amigos louvados em poemas e narrativas e também na filosofia de Cícero, no livro *Da amizade*.

Segundo o narrador machadiano, “Quintanilha engendrou Gonçalves. Tal era a impressão que davam os dois juntos, não que se parecessem” (Assis, 1998, p. 448). Mas tal afetividade vem justificada pela ideia de paternidade, como que para impedir que o leitor veja nessa amizade algo mais para além dessa parceria social. Ainda assim, o narrador reforça que os dois rapazes tinham a mesma idade, tinham estudado juntos, morado juntos e se formado juntos. A diferença entre ambos é que Quintanilha havia recebido a herança de um tio e vivia confortavelmente, enquanto Gonçalves advogava e tinha restrições financeiras. A família de Quintanilha tenta interpor-se entre os dois rapazes, sem êxito, porque o herdeiro julgava que os seus parentes queriam apenas aproveitar-se dos seus bens. No entanto, quando o amigo propõe afastar-se do convívio familiar, é seriamente repreendido, posto que era o único amigo de Quintanilha. Nas palavras do narrador: “A vida que viviam os dois, era a mais unida deste mundo. Quintanilha acordava, pensava no outro, almoçava e ia ter com ele. Jantavam juntos, faziam alguma visita, passeavam ou acabavam a noite no teatro” (Assis, 1998, p. 450).

Tal intimidade certamente despertaria a curiosidade da sociedade conservadora do Rio de Janeiro dos Oitocentos, como a opinião de uma senhora que os chamava de “Os casadinhos de fresco”. Se o próprio Machado, ao encenar essa amizade masculina, emite, por meio da senhora, uma opinião desconfiada do relacionamento dos rapazes, a crítica literária não deixou por menos e surgiram alguns estudos da possibilidade de homossexualidade aí representada. É o caso

3 A história dos dois amigos pode ter sido lida por Machado de Assis na *Odisseia*, de Homero; no poema “Oresteia”, de Ésquilo; na *Pítica XI*, de Píndaro; ou no livro *Da amizade*, de Cícero, o qual se refere à peça homônima, de Marco Pacúvio.

do texto de José Carlos Barcellos (1998), que discute as configurações problemáticas da identidade masculina em narrativas de escritores portugueses e brasileiros. No entanto, o crítico desenvolve a sua breve discussão em torno do componente homoerótico, sem qualquer aferição ética ou moral, a partir da filosofia. Essa vertente de análise, voltada para o homoerotismo, é indiscutível e muito pertinente. Mas preferimos refletir sobre essa narrativa a partir do comportamento da personagem masculina menos abastada, a qual se aproveita do afeto a ele dedicado pelo amigo Quintanilha.

Nesse convívio íntimo, chama-nos a atenção o zelo e a servilidade de Quintanilha para com Gonçalves. Cuidava de suas correspondências, lembrava ao amigo suas obrigações e negócios, fazia viagens para ele, descobria-lhe bons charutos, bons jantares, bons espetáculos. Gonçalves, por seu lado, aproveitava-se largamente desses favores e até os solicitava. Vemos, explicitamente, a dedicação e o sentimento puro de um amigo verdadeiro, em oposição à racionalidade e ao utilitarismo do outro. Essa diferença fica evidente quando Quintanilha encomenda um retrato em que os dois amigos apareciam juntos. Gonçalves põe defeitos na pintura e conduz o amigo a destruí-la. Esse fato demonstra a insensibilidade e a visão medida e calculada do advogado. Ver-se retratado com o amigo seria a prova pública do “enamoramento” dos dois, possibilidade que Gonçalves trata de destruir. Obviamente, o caráter homoerótico da narrativa é bastante acentuado, como na seguinte passagem:

Eles riam, naturalmente, mas o riso de Quintanilha tinha uma nota de entusiasmo, que absolutamente faltava ao de Gonçalves; mas, entusiasmo não se inventa. É claro que o segundo era mais capaz de inspirá-lo ao primeiro do que este a ele. Em verdade, Quintanilha era mui sensível a qualquer distinção; uma palavra, um olhar bastava a acender-lhe o cérebro. Uma pancadinha no ombro ou no ventre, com o fim de aprová-lo ou só acentuar a intimidade, era para derretê-lo de prazer (Assis, 1998, p. 452).

Como se pode notar, Quintanilha tinha mais entusiasmo na relação do que Gonçalves. A admiração pelo amigo chega ao ápice quando a tia dele morre e ele declara a Quintanilha que, no mundo, era o único que lhe restava. O narrador nos informa que o amigo sentiu os olhos úmidos e logo tratou de fazer um testamento, nomeando-o testamenteiro e herdeiro universal. Quintanilha tinha parentes próximos, mas afastou-os todos, depois de ter se enriquecido com a herança da família. No entanto, manteve ao seu lado, com todos os cuidados possíveis, o advogado Gonçalves, que recebia do amigo favores, afeto e empréstimos. Até mesmo o testamento lhe fazia herdeiro universal dos bens de Quintanilha; portanto, em tudo beneficiado. Com o apoio e a dedicação recebidos, Gonçalves jamais pensara em casar-se, pois o amigo lhe era suficiente, como se percebe em um dos seus diálogos:

– Você por que não se casa? Perguntou-lhe um dia; um advogado precisa casar. Gonçalves respondia rindo. Tinha uma tia, única parenta, a quem ele queria muito, e que lhe morreu, quando eles iam em trinta anos. Dias depois, dizia ao amigo:

– Agora, só me resta você.

Quintanilha sentiu os olhos molhados, e não achou que lhe respondesse. Quando se lembrou de dizer que “iria até à morte” era tarde. Redobrou então de carinhos,

e um dia acordou com a ideia de fazer testamento. Sem revelar nada ao outro, nomeou-o testamento e herdeiro universal (Assis, 1998, p. 453)⁴.

Como o narrador nos informa, Gonçalves não era um grande advogado nem provinha de família abastada, de forma que Quintanilha tornou-se não apenas o seu amigo íntimo, mas também a sua possibilidade de ascensão social. À semelhança de um vegetal parasita, aproveita-se da árvore alta, frondosa e abundante, para abraçar-lhe sorratamente, sugando-lhe a seiva vital, sobrepondo-se a ela, até sufocá-la completamente, para tomar o seu lugar. A planta parasita aparenta fragilidade e desperta compaixão, até que atinge proporções incombateíveis, tornando-se letal para a árvore que lhe serve de sustentação e abrigo. Na natureza, vence o mais apto a desenvolver-se, vence o homem de ação, que se constitui como o homem superior, segundo Nietzsche (2006).

Gonçalves reconheceu logo em Quintanilha o terreno fértil para lançar suas raízes: cuidou de, indiretamente, afastar os parentes da família do seu amigo, despertou e intensificou os afetos do companheiro, e alimentou as suas ilusões de amizade, estendendo-as a limites difíceis de se estabelecer, visto que Machado de Assis não explicita o alcance dessa afeição, ainda que o comportamento, os silêncios, os gestos e algumas falas de Quintanilha, e também de Gonçalves, como nessa passagem, abram possibilidades de interpretação para um suposto desejo homossexual.

Em sua racionalidade, Gonçalves utiliza as palavras premeditando um efeito sobre Quintanilha: prendê-lo cada vez mais a si. O advogado coloca-se em posição de fraqueza e de dependência, para receber do herdeiro tudo que venha em seu benefício. Quintanilha envolveu-se sentimentalmente com sua prima Camila, mas não se declarou a ela, ainda que suas visitas sejam frequentes à casa dela, o que não deixaria dúvidas sobre a pretensão de desposá-la, ainda mais porque o pai de Camila já havia “preparado o terreno” para tal finalidade. Vejamos o impacto que essa situação provoca em Gonçalves:

Um dia foi jantar com o amigo, e, depois de muitas hesitações, disse-lhe tudo; amava a prima e era amado.

– Você aprova, Gonçalves?

Gonçalves empalideceu, – ou, pelo menos, ficou sério; nele a seriedade confundia-se com a palidez. Mas, não; verdadeiramente ficou pálido.

– Aprova? Repetiu Quintanilha.

Após alguns segundos, Gonçalves ia abrir a boca para responder, mas fechou-a de novo, e fitou os olhos “em ontem”, como ele mesmo dizia de si, quando os estendia ao longe. Em vão Quintanilha teimou em saber o que era, o que pensava, se aquele amor era asneira. Estava tão acostumado a ouvir-lhe este vocábulo que já lhe não doía nem afrontava, ainda em matéria tão melindrosa e pessoal. Gonçalves tornou a si daquela meditação, sacudiu os ombros, com ar desengonçado, e murmurou esta palavra tão surdamente que o outro mal a pôde ouvir:

– Não me pergunte nada; faça o que quiser.

– Gonçalves, que é isso? Perguntou Quintanilha, pegando-lhe nas mãos, assustado.

⁴ Machado de Assis escreveu mais de 300 contos, e há diversas edições desses textos nas mais variadas publicações. No entanto, apesar da importante contribuição de Afrânio Coutinho e de John Gledson que organizaram antologias de contos machadianos, nenhuma edição apresenta todos os contos reunidos, o que nos leva a usar edições tão diferentes em um mesmo estudo.

Gonçalves soltou um grande suspiro, que, se tinha asas, ainda agora está voando (Assis, 1998, p. 455).

Apesar de ser longa, essa citação nos serve de exemplo para explicar o parasitismo de que falamos anteriormente. Por dois motivos: primeiro, porque Quintanilha já guardava o testamento de que era beneficiário único; segundo, porque talvez amasse a mesma mulher que o amigo amava. Hipótese pouco provável, se queremos sustentar nossa linha de raciocínio. Preferimos acreditar que o espanto do advogado se deve ao temor de ver Quintanilha casado, pai de família, o que acarretaria mudança no testamento e, conseqüentemente, seu afastamento afetivo, já que o coração do amigo seria ocupado pela esposa e pelos filhos; todos os seus cuidados se voltariam para a família. A maestria de Machado de Assis deixa a situação ambígua. Quintanilha empalidece de susto e solta um grande suspiro, permanecendo com o olhar fito “no ontem”, dando-nos a impressão de perplexidade e pavor. A teatralização de Gonçalves é tão diabólica que deixa Quintanilha terrível e psicologicamente abalado, a ponto de não conseguir dormir à noite, sob a força de um pesadelo, no qual Gonçalves lhe aparece acusando-o de infame por ter-lhe roubado a noiva, e arranca com as mãos o coração do peito, metendo-o na boca do amigo. Ao amanhecer, Quintanilha vai ao escritório do amigo, onde se desenvolve o seguinte diálogo, que complementa nossa argumentação quanto à retórica da persuasão do advogado:

Gonçalves redigia umas razões de embargo. Interrompeu-as para fitá-lo um instante, erguer-se, abrir o armário de ferro, onde guardava os papéis graves, tirar de lá o testamento de Quintanilha, e entregá-lo ao testador:

– *Que é isto?*

– *Você vai mudar de estado, respondeu Gonçalves, sentando-se à mesa.*

Quintanilha sentiu-lhe lágrimas na voz; assim lhe pareceu, ao menos. Pediu-lhe que guardasse o testamento; era o seu depositário natural. Instou muito; só lhe respondia o som áspero da pena correndo no papel. Não corria bem a pena, a letra era tremida, as emendas mais numerosas que de costume, provavelmente as datas erradas. A consulta dos livros era feita com tal melancolia que entristecia o outro. Às vezes, parava tudo, pena e consulta, para só ficar o olhar fito “em ontem” (Assis, 1998, p. 457-458, grifo nosso).

Nessa passagem, as ações de Gonçalves, expressas pelos verbos em negrito, revelam a sua racionalidade no tratamento dessa questão testamentária. Em vez de responder ao amigo se aprovava ou não o casamento dele com Camila ou de justificar o seu silêncio, Gonçalves vai direto ao assunto que lhe interessa, de maneira mais objetiva, enquanto ao outro o que importava era a amizade e o amor, negócios do coração. Não é por acaso que o seu pesadelo é, simbolicamente, marcado pelo signo desse órgão vital do corpo. No sonho, Quintanilha tem o coração de Gonçalves completo em sua boca. Nessa passagem, ao contrário, é a razão que marca o compasso do diálogo, ao mesmo tempo que o silêncio e as expressões do corpo de Gonçalves requerem do amigo um gesto que somente um homem sentimental poderia manifestar: recusar-se à mulher amada, manter o amigo como seu herdeiro universal e, ainda, permanecer fiel a ele.

Quintanilha abdica de seu amor, refaz o testamento, deixando seus bens a Camila, com a condição de que ela se case com Gonçalves. A prima aceita o casamento, mas, devido a uma moral aparente, recusa o testamento. Quintanilha

reformula-o uma vez mais, legando sua herança a Gonçalves. Pela ironia, a desordem se reorganiza. Quintanilha foi testemunha no casamento do amigo e padrinho de seus dois primeiros filhos, até que uma bala perdida, da Revolta da Armada (1893), atinge-o na Praça Quinze de Novembro. Machado de Assis encerra a narrativa retomando os amigos da tragédia grega, afirmando que Pílates é agora o personagem mudo de Sófocles (está morto e enterrado) e Orestes “vive ainda, sem os remorsos do modelo grego” (Assis, 1998, p 458).

Vimos, portanto, que a ética e a moral de Gonçalves servem à sua sobrevivência em uma sociedade de homens desiguais: os racionais e os emotivos, os pobres e os ricos, os tolos e os astutos. O advogado não cometeu crime algum, apenas aproveitou melhor as condições de viver bem que seu amigo Quintanilha colocou em suas mãos, o convívio com a elite brasileira oitocentista, os bens de família e a mulher que poderia ter amado. Significativa é a ênfase que Machado de Assis deu à existência do advogado após a morte do melhor amigo: sem remorsos! Nesse sentido, há nessa personagem uma ressonância da concepção de *arete*, tipo ideal de *ethos* grego, caracterizado pela excelência do homem no que ele mais tem de humano. Não é um atributo relacionado à virtude nem à moral, pois o *modus vivendi* de um indivíduo que assim se comporta lhe é próprio, cujos valores, éticos ou morais, não se vinculam ao cristianismo.

Werner Jaeger (2003) discute que o conceito de *arete* está arraigado no conceito de nobreza. Assim, valoriza-se o indivíduo no que ele possui de indivisível – as responsabilidades todas encontram-se no próprio indivíduo, que é seu próprio modelo de *ethos*. No entanto, a excelência do indivíduo somente é legitimadora na presença ou em face do outro. Para Jaeger (2003, p. 26):

Tanto em Homero como nos séculos posteriores, o conceito de arete é frequentemente usado no seu sentido mais amplo, isto é, não só para designar a excelência humana, como também a superioridade de seres não humanos: a força dos deuses ou a coragem e rapidez dos cavalos de raça. Ao contrário, o homem comum não tem arete e, se o escravo descende por acaso de uma família de alta estirpe, Zeus tira-lhe metade da arete e ele deixa de ser quem era antes. A arete é o atributo próprio da nobreza. Os gregos sempre consideraram a destreza e a força incomuns como base indiscutível de qualquer posição dominante.

O filósofo destaca a força e a coragem como atributos inerentes ao nobre, seja ele humano ou não humano. O certo é que o ser que possui a *arete* está destinado a dominar e sobrepor-se aos mais fracos. Nesse conto machadiano, o amigo excelente se legitima diante do outro, que é fraco, covarde, efeminado, não ousado, o que aproxima essa narrativa da filosofia arcaica grega, pela formação do homem nessa sociedade (a *paideia*) e também da filosofia nietzschiana, pela qual a própria vida é apropriação, exploração e submissão do mais fraco. Em “Pílates e Orestes”, Gonçalves e Quintanilha espelham a *arete* grega, pois cada um possui uma grandeza diferente do outro, a seu modo, já que a *arete* não é simétrica, a exemplo da excelência da força de Ajax em sua relação complementar com a excelência da palavra e do uso das armas de Ulisses. É, pois, nas diferenças que a *arete* se manifesta, mas onde há duas excelências cujas especificidades são distintas.

Quintanilha doa-se porque Gonçalves é seu reflexo invertido, mais racional, ousado e corajoso, além de dominar a palavra nas relações sociais que estabelece a partir do círculo de amigos de Quintanilha, o que significa a soberania do

seu espírito; Gonçalves exerce sua liberdade plena, seguro de sua nobreza humana, que irradia subjetividade e sua individualidade, eclipsando, portanto, o amigo Gonçalves. Um dia não comporta dois sóis. Obviamente, essa concepção de nobreza não é conciliável com a moral cristã, que considera vaidade pessoal e pecaminosa a ânsia de distinção e de aspiração à honra e à aprovação.

“ALMAS AGRADECIDAS”: A EMOÇÃO SE SUJEITA À RAZÃO

O conto “Almas agradecidas” foi publicado originalmente no *Jornal das Famílias*, do Rio de Janeiro, em março de 1871, mas não fez parte de nenhuma das coleções organizadas quando Machado de Assis era vivo. Neste artigo, utilizamos a edição da Ática dos *Contos de Machado de Assis*, de 2002.

Jean Lefranc (2008), comentador da filosofia de Nietzsche, ressalta a admiração do filósofo alemão por alguns romancistas do século XIX, sobretudo por Stendhal e por Dostoiévski, autores que teriam explorado em sua ficção os processos profundos inconscientes, de modo semelhante ao que Freud realizou em sessões de psicanálise, a partir da análise dos sonhos, o que aproximaria poetas, romancistas, dramaturgos e psicólogos. Segundo esse crítico: “Em todo ser humano afirma-se a vontade de poder, a dupla possibilidade de superar ou de definir” (Lefranc, 2008, p. 138) Em outras palavras, a vontade de poder é vontade de diferença, de acréscimo de poder. É também vontade de diferenciação, pois pretende estar além do que ela é.

As relações de amizade entre homens racionais e homens emotivos podem ser percebidas, também, em “Almas agradecidas”. De forma semelhante a “Pílades e Orestes”, essa narrativa de Machado de Assis é uma história de encontros de pares masculinos e, mais uma vez, problematiza a cegueira que a emoção provoca em certos homens. O conto se inicia apresentando dois jovens à porta do teatro, que aguardam o fim da chuva para que possam voltar a suas casas. Começa o diálogo, e um deles oferece abrigo em seu guarda-chuva até o Rocio, onde imaginava encontrar um tîlburi e resolver o problema. Já nas primeiras linhas, temos o indício de como se desenvolverá essa amizade:

O rapaz do guarda-chuva propôs um meio excelente de escapar à chuva e esperar condução: era ir tomar chá ao hotel que mais à mão lhe ficasse. O convite não era mau; tinha só o inconveniente de vir de um desconhecido. Antes de lhe responder, o rapaz sem guarda-chuva deitou um rápido olhar ao seu companheiro, espécie de exame prévio da condição social da pessoa. Parece que achou boa, porque aceitou o convite (Assis, 2002, p. 12).

O olhar que o jovem lança em direção ao companheiro investiga traços de uma posição social, em vez de procurar algum vestígio de moralidade, de ética e de honestidade, se aparentemente isso fosse possível. No entanto, o rapaz sem guarda-chuva interessa-se pelo que o outro jovem poderia oferecer-lhe, como discutiremos mais adiante, seguindo pistas do próprio narrador. Nesse conto, parece-nos mais explícita a cobiça de um homem quando se aproxima de outro que lhe oferece abrigo e companhia. Do primeiro encontro, o rapaz observa a possível posição social daquele que se põe em seu caminho, pois fará dessa casualidade um evento para sua ascensão profissional.

Oliveira, de boa memória, lembrará ao rapaz que foram colegas de infância, estudaram e andaram juntos no mesmo colégio. O seu aspecto moral é, pois,

mais emotivo e sensível, já que se aproximara do outro pelas lembranças que ainda guardava da meninice – o que lhe garante um tom saudosista e romântico – em busca de um tempo perdido. Ao despedir-se, faz o seguinte convite, reforçando esse ideal nostálgico: “já lhe disse o número da minha casa e do meu escritório; apareça lá algumas vezes; folgarei de reatar as nossas relações da meninice” (Assis, 2002, p. 13).

Quando vai visitar Oliveira, enquanto o aguardava em seu escritório, “Magalhães examinou detidamente as cadeiras, as estantes, os quadros de gravuras, os capachos e as escarradeiras. A sua curiosidade era minuciosa e sagaz; parecia estar avaliando o gosto ou a riqueza de seu ex-colega” (Assis, 2002, p. 14). Por sua vez, Oliveira presta atenção aos atributos psicológicos desse amigo: “Era Magalhães um rapaz de agudo espírito, boa observação, conversador ameno, um pouco lido em obras fúteis e correntes. Tinha, além disso, o dom de ser naturalmente insinuante” (Assis, 2002, p. 15).

Traçados esses perfis, não será difícil antecipar o desenvolver da amizade: Oliveira se aproveitará de Magalhães, que o apresentará a todos os seus amigos. Sob sua proteção e palavra de afiança, em pouco tempo o jovem captava todas as simpatias. Segundo o narrador, os dotes de Magalhães eram superiores aos de Oliveira quanto à inteligência e quanto à conversação. A amizade estreitou os laços entre os dois rapazes, até que uma mulher se põe em meio a essa afeição: “A vida de ambos continuaria por este teor, plácida e indiferente, se um acontecimento não a viesse perturbar de repente” (Assis, 2002, p. 19).

Oliveira confessa ao amigo que estava apaixonado pela jovem Cecília. Magalhães revela-se desapontado com tal confissão e lhe responde que fazia mal em diluir seu coração com “essas mulheres”. Ora, Oliveira não conhecia Cecília, portanto não poderia fazer esse tipo de juízo de valor, o que sugere sua tentativa de dissuadir Magalhães da intenção de um casamento próximo, e isso o afastaria, certamente, desse doce e proveitoso convívio. Acresce que Cecília era rica também e não sabia da paixão que esse admirador nutria por ela. Maleficamente, Magalhães se apresenta ao amigo para mediar o idílio, prometendo sondar o coração de Cecília em relação a Oliveira e avisá-lo quando descobrisse a afeição da moça para com ele. Para tal ardil, Magalhães aproxima-se cada vez mais dela, pois ali já fora introduzido na intimidade da casa pelo amigo advogado. Em sua ambígua intenção de descobrir se Cecília gostava de alguém, declara-se apaixonado por ela, mas que sabe que a moça ama outro. Cecília responde negativamente, e o caminho para a riqueza e a felicidade se abre diante de Magalhães.

Oliveira adocece, e Magalhães dedica-se integralmente a ele, o que acentua ainda mais, aos olhos de Cecília e de seu pai, a admiração ao jovem. Magalhães confessa ao amigo a sua brincadeira, que era, a princípio, um meio de ajudá-lo, mas que estava arrependido, pois também se apaixonara. Afasta-se do convívio dos amigos e sugere que vai suicidar-se. Oliveira corre ao encontro dele e lhe diz: “Sê feliz, que o mereces; não tens culpa disto. Procedeste honradamente; compreendo que era difícil estar ao pé dela sem sentir o fogo da paixão. Casa com Cecília, pois que se amam, e fica certo de que serei sempre o mesmo amigo” (Assis, 2002, p. 30).

Como se vê, o homem ousado, corajoso e determinado sobressaiu nas relações de amizade e na conquista de uma mulher bonita, jovem e rica, que seria a esposa do seu melhor amigo. No entanto, na vida, vence o mais bem preparado para a batalha da existência. Essas duas personagens machadianas, diz o

narrador, foram amigos até a morte, desde que Oliveira não frequentasse a casa de Magalhães. Essa afirmação reforça nossa hipótese de que, nas representações de pares masculinos, a amizade seria perfeita se não houvesse a intervenção do feminino.

Nossas reflexões, até aqui, procuraram demonstrar como se constituem pares de amigos na ficção machadiana, sob a regência do duplo, pela diferença: o forte e o fraco, o racional e o sentimental, o ousado e o tímido. Pudemos perceber que a intervenção feminina contribui decisivamente para a desestruturação da amizade masculina, o que acarreta, inevitavelmente, a sujeição de um dos amigos, o mais fraco. Ironicamente, acompanhamos esses homens menos potentes sucumbirem em suas relações afetivas, pois são incapazes de encontrar o equilíbrio para a sua subsistência. Resta-lhes, pelo rebaixamento e pela moral cristã, a concessão da mulher amada e, em alguns casos, dos bens de família a esses outros homens, duplos pela complementariedade e pela diferença. Os que creem na moral cristã, segundo Nietzsche, aguardam uma compensação da perda seguindo os sacerdotes ascéticos, em um mundo espiritual, que há de vir.

A seguir, discutiremos um conto em que o par masculino não se constitui pela diferença. Ao contrário, é um duplo perfeito que apenas adiciona e reforça a moral, a ética e o *modus vivendi* do outro. A aproximação se fará pela semelhança, um forte ampliando a força do que já é ousado e destemido. Nesse caso, a mulher não é um empecilho e, sim, um elo que amalgama dois masculinos.

“AYRES E VERGUEIRO”: SEMELHANÇA E IDENTIFICAÇÃO

Assim como “Almas agradecidas”, o conto “Ayres e Vergueiro” foi publicado originalmente no *Jornal das Famílias*, do Rio de Janeiro, em 1871. Porém, como já apontamos com relação à grande quantidade de contos existentes, ainda não foi publicada uma edição completa, reunindo todos eles em um mesmo livro. Por isso, neste estudo, utilizamos uma diversidade de antologias e, no caso específico desse conto, a versão digital do *site machadodeassis.net*.

Discute-se, nesta seção, como os dois amigos se associam na vida afetiva e financeira, constituindo uma firma. Na amizade e nos negócios, ambos ludibriam a sociedade, buscando seus próprios interesses.

Vimos, nas duas narrativas comentadas anteriormente, que a amizade entre dois homens se constituía pela diferença, na bipolaridade razão *versus* emoção, sobressaindo o amigo mais ousado, determinado e ambicioso. A submissão do outro é sua condição de sobrevivência e de manutenção de *status* social, além de o amigo sentimental e dedicado funcionar como “ponte” para a realização matrimonial. Em ambos os contos, o homem tímido e fraco é silenciado e, de alguma forma, sucumbe ao fascínio e à dominação do que lhe é superior em beleza, presença de espírito e racionalidade, sem que haja manifestação de qualquer sentimento de compaixão ou de ressentimento por parte do amigo que se utiliza das relações de amizade para atingir seus objetivos e se fazer notar socialmente.

“Ayres e Vergueiro”⁵, no entanto, distingue-se dessa “normalidade” na ficção machadiana porque a amizade unirá dois homens semelhantes em pensamento

5 Apesar das várias edições de contos de Machado de Assis, incluindo as sérias organizações de Afrânio Coutinho e de John Gledson, o conto “Ayres e Vergueiro”, publicado originalmente em 1871, no *Jornal das Famílias*, não se encontra em nenhuma delas, de forma que estamos utilizando, neste artigo, uma versão eletrônica, disponível no *site machadodeassis.net*

e ação, o que lhes possibilita, primeiro, uma aproximação afetiva, depois o estabelecimento de uma sociedade que, sofrendo alguns impactos financeiros, correria o risco de falir, se não fosse o concílio imoral dos amigos e sócios em liquidar os negócios sem o conhecimento dos credores, ludibriando-os e fugindo, ricos, para a Europa.

Luís Vergueiro era casado com a jovem Carlota e tinha uma irmã, Luísa, que, após um breve casamento, enviuvou-se e veio morar com eles. Em pouco tempo, a viuvinha é cortejada por Pedro Ayres, o qual logo deixou a melhor impressão em toda a família, frequentando a casa dos Vergueiro todos os dias da semana. O narrador nos informa que Luís passava a noite mal quando Pedro não vinha à sua casa: “As duas moças, longe de se zangarem com este namoro dos dois, pareciam contentes e felizes. Viam nisso uma fiança de futura concórdia” (Assis, s.d). A constituição da firma Ayres & Vergueiro veio consolidar essa amizade e tornar indissolúvel a união dos dois homens. Durante dois meses, Luísa prostrou-se enferma, recebendo atenção e cuidados redobrados do noivo, da cunhada e do irmão, mas não resistira à enfermidade. A dor de Ayres foi tremenda. Ficou três dias sem comer. O casal Vergueiro resolveu trazê-lo para morar em sua casa, no aconchego dos amigos e sócios. Segundo o narrador:

*Nascida da simpatia, criada no infortúnio comum, a amizade de Ayres e Vergueiro assumiu as proporções do ideal. Na vizinhança, já ninguém recorria às expressões proverbiais para significar uma amizade íntima; não se dizia de dois amigos: são unha e carne; dizia-se Ayres com Vergueiro. Diógenes teria achado ali um homem, e realmente **ambos formavam uma só criatura**. Nunca mais sucedeu andarem com roupa de cor, fazenda ou feito diferentes; vestiam-se igualmente, como se até nisso quisessem mostrar a perpétua **aliança de suas nobres almas**. Faziam mais: compravam chapéus e sapatos no mesmo dia, ainda que um deles os houvesse estragado menos que o outro. Jantar, baile ou passeio a que um fosse havia de ir o outro por força, e ninguém se animava a convidá-los separadamente. Não eram, pois, dois sócios simples que procuravam dos seus esforços juntos obter cada qual a sua riqueza. Não. **Eram dois amigos íntimos, dois corações iguais, dois irmãos siameses, eternamente vinculados na terra, labutando para alcançar os bens da sorte, mas sem nenhuma ideia de os separarem jamais** (Assis, s.d., grifo nosso).*

A citação é longa, mas necessária à nossa discussão em relação às semelhanças e às identificações dos dois amigos. Uma referência importante e que poderia passar despercebida a um leitor menos atento é a que Machado de Assis faz a Diógenes. Trata-se de Diógenes Laércio, filósofo da Antiguidade clássica que estudou com Antístenes, ambos considerados os mais antigos cínicos⁶. Diógenes também ficou muito conhecido pela sua habilidade em “desfigurar a moeda”, falsificando-a. Não aleatoriamente, Menipo é o mais lembrado filósofo cínico depois de Antístenes, a quem se atribui a criação da sátira menipeia, admirada por Machado de Assis. Sátira que parodiava a tradição, os costumes e a moral vigente e “desfigurava” tanto o mito como a filosofia. Assim, o cinismo tanto se refere a uma moralidade ascética prática quanto a um modelo ético universal de liberdade e de autonomia:

6 Entende-se por cínicos os filósofos que buscavam incondicionalmente a liberdade e a felicidade, desafiando as ideias e os tabus mais fundamentais da civilização grega. Os cínicos valorizavam a natureza como uma fonte mais importante de discernimento moral do que o costume ou as escolas filosóficas existentes.

A “desfiguração” cínica era igualmente radical em questões religiosas. Em primeiro lugar, eles viraram a hierarquia tradicional dos seres de cabeça para baixo: a série animal-homem-deus foi transformada em homem-animal-deus. Para o homem, como um ser de desejo e angústia, animal e deus constituíam, respectivamente, o modelo concreto e o teórico da auto-suficiência e da indiferença e, em consequência, da felicidade (Goulet-Cazé, Branham, 2007, p. 35).

Se em “Pílades e Orestes” e “Almas agradecidas” temos pares de amigos que se aproximam pela diferença (psicológica ou social), “Ayres e Vergueiro” é a representação inequívoca da atração pelo igual, em todos os sentidos que essa expressão evoca. Não é aleatório que o feminino aqui, Carlota, em nada atrapalha essa amizade. Antes a sedimenta, acrescentando a diferença que porventura faltasse à triangulação afetiva. Não há ciúmes nem desconfianças por parte de nenhum deles. Trata-se de uma entrega incondicional, sem qualquer temor moral ou social, como veremos um pouco adiante. Nesse conto, Machado de Assis funde em uma só criatura o par perfeito, ideal, representado pelo ser andrógino do banquete platônico. Ayres e Vergueiro eram uma só alma, um só coração, como demonstram tão bem as expressões grifadas no trecho anteriormente citado.

As semelhanças e a identificação dos dois amigos nada teriam de problemático se Machado de Assis não tivesse acrescentado a essa amizade a falta de ética e de moral dos atos dessas personagens. Quando os dois amigos pressentem a derrocada financeira, ambos propõem uma ideia que seria apresentada no domingo. Como afirma o narrador:

Seria coisa extremamente nova, e até certo ponto digna de pasmo, que aqueles modelos da verdadeira amizade tivessem ideias divergentes. A ideia anunciada para o domingo seguinte era a mesmíssima ideia, tanto no cérebro de Ayres, como no de Vergueiro. Consistia em liquidar à sorrelfa: iriam vendendo pouco a pouco as fazendas, e sairiam da corte sem dizer adeus aos credores. A ideia não era original; bonita parece que também não; mas era útil e praticável (Assis, s.d.).

O plano foi arquitetado com promessas de ambos de que Carlota não seria informada do assunto. Fiéis na estratégia, infiéis no trato. Vergueiro contou logo à mulher e Ayres não deixou por menos. Não houve contestação da imoralidade do ato, mas achavam que o benefício compensava a imoralidade e, nas palavras do narrador, “Ande eu quente e ria-se a gente” (Assis, s.d.). A partir desse ponto da narrativa, as reflexões afastam-se das concepções de amizade e intensificam-se quanto à moral. Nesse sentido, Ayres não admitia que o projeto ofendesse as leis da moral, que eram diferentes de dinheiro. Ironicamente, o narrador, mesclando a voz com o pensamento da personagem, afirma que dinheiro é coisa de si tão mesquinha que não podia penetrar na região sublime da moral:

Deus, observava ele, não quer saber quanto pesam as algibeiras, quer saber quanto pesam as almas. Que importa que as nossas algibeiras estejam pejudadas de dinheiro, contanto que as nossas almas estejam leves de pecados? Deus olha para almas, não olha para as algibeiras (Assis, s.d.).

A concepção de moral evocada pelo narrador machadiano, nesse conto, relaciona-se com o bem apregoado pela religião cristã. No entanto, essa concepção é distorcida, desvinculando-se moral de religião. Na argumentação irônica de

Ayres e Vergueiro, suas ações eram úteis e praticáveis, imaculáveis para a alma, já que as ações morais ou imorais restringem-se ao mundo material, à sociedade, enquanto o julgamento de Deus se ocuparia das ações espirituais, sejam elas quais forem, diferentes, pois, do comportamento ético e social dos homens.

Vergueiro, Ayres e Carlota infringem as normas de conduta ética e moral não apenas por deixarem de pagar aos credores, mas também por mentirem aos demais amigos e à sociedade carioca em geral. Vergueiro divulga que viajará para Buenos Aires a pretexto de negócios; a esposa e o sócio demoram-se no Rio por dois meses, liquidam tudo e partem ao seu encontro a seguir. Ayres acrescenta que a partida de Vergueiro deve ser pública e se encarrega de declarar a todos que o sócio estaria doente e mandava buscar a esposa; como uma mulher não poderia viajar sozinha para o exterior, o amigo a acompanharia: “– Sublime! Exclamou Vergueiro; isto é que se chama estar adiante do século” (Assis, s.d.).

O conto apresenta boas passagens de humor e de forte ironia. Chamamos a atenção apenas para o trocadilho que Machado de Assis faz com os nomes de um dos amigos: Vergueiro sai do Brasil com o pretexto de ir para Buenos Aires. Dez dias após, Ayres, Carlota e o dinheiro saíram furtivamente... para a Europa. A última linha do conto pode desestabilizar o nosso raciocínio até aqui. Vergueiro deseja ir ao encontro de Ayres, na clara referência à capital argentina como o lugar de destino, metáfora dos braços do amigo e sócio. Mas Ayres, Carlota e o dinheiro saíram para a Europa. Machado de Assis teria, inconscientemente, se esquecido de acrescentar ou de explicar que os três se encontraram, dez dias depois, na Europa? Ou teria reforçado a tese de que a ética e a moral se restringem ao plano material, da utilidade e do bem-estar? Se assim o for, Machado de Assis se aproximaria, também nesse conto, da filosofia do homem superior, humano, demasiado humano, teorizado por Nietzsche, e Vergueiro teria se submetido a Ayres, entregando-lhe, pela falta de esperteza, a mulher e o dinheiro. Se aceitarmos essa hipótese, queiramos aceitar, também, a sugestão dos nomes masculinos. Ayres poderia muito bem ter se derivado do adjetivo airado: “1. Desvairado, alucinado, louco. 2. Sem seriedade; leviano, irresponsável. 3. Vadio, vagabundo, doidivasas, estroina” (Hollanda, 1986, p. 71). Vergueiro, por sua vez, teria se originado do substantivo verga: “1. Vara flexível; virga” (Hollanda, 1986, p. 1766).

Portanto, Vergueiro seria aquele que se sujeita, que se flexiona, que se dobra diante de Ayres, o seu amigo que, desconsiderando as normas sociais, éticas e morais, se evidencia como o mais bem-sucedido na vida. Vergueiro é o seu oposto, o fracassado, passado para trás. Hipóteses que reforçam as ressonâncias do homem superior e da moral utilitária, segundo Nietzsche (2005, 2006).

Foi com a leitura de *Genealogia da moral e Além do bem e do mal*, de Nietzsche, que encontramos aproximações pertinentes às representações de amizade elaboradas por Machado de Assis, seguindo as concepções de ética, de moral e de liberdade. Antonio Candido (2004, p. 28), ao comentar os temas mais frequentes na ficção machadiana, afirma:

Pessoalmente, o que mais me atrai nos seus livros é um outro tema, diferente destes: a transformação do homem em objeto do homem, que é uma das maldições ligadas à falta de liberdade verdadeira, econômica e espiritual. Este é um dos demônios familiares da sua obra, desde as formas atenuadas do simples egoísmo até os extremos do sadismo e da pilhagem monetária.

Para esse crítico literário, o sentido do ato é um dos problemas fundamentais na produção literária de Machado de Assis, de forma que o ser encarna uma decisão ética pelo seu compromisso com o ato que não volta atrás, “porque uma vez praticado define e obriga o ser de quem o praticou” (Candido, 2004, p. 26). Por essas reflexões, podemos inferir que as personagens masculinas dos três contos aqui analisados agem segundo uma ética invertida, considerada imoral na percepção ocidental e cristã, porque seus atos seguem um preceito de liberdade do próprio homem, que procura se desprender das normas sociais vigentes no Brasil do final do século XIX.

Aproximando o modo de agir das personagens masculinas criadas por Machado de Assis das concepções de homem livre, de acordo com Nietzsche (2005, 2006), temos uma ressonância positivista em ambos os autores, no sentido de que há uma luta travada dentro do homem pela sobrevivência do mais apto, ainda que isso implique o rebaixamento do outro, com quem se relaciona, social ou afetivamente. Nesses embates existenciais, sobressai o homem racional, objetivo, determinado e forte, o que age com liberdade, segundo a sua natureza animal, não se prendendo a ninguém, nem mesmo aos seus próprios princípios, segundo Nietzsche (2005, 2006). E essa é a sua norma, a sua moral. Aos tímidos e emotivos, resta a compensação de um mundo em devir, apregoadado pela moral cristã, sob a tutela do sacerdote ascético. Um e outro – o homem fracassado e o sacerdote ascético – homens do ressentimento, incapazes de um ato de revelação do ser verdadeiro, do homem livre.

PHILOSOPHY AND AESTHETICS OF FRIENDSHIP IN THE TALES OF MACHADO DE ASSIS

Abstract: This work proposes an approximation between literature and philosophy, based on the representations of male friendship, present in some stories by Machado de Assis. In “Pylades and Orestes” and “Grateful Souls”, the rationality and interest of a friend override the feeling and subjection of the other. In “Ayres and Vergueiro”, the friends become closer due to similarity and identification.

Keywords: Literature. Machado de Assis. Philosophy. Friendship. Identification.

REFERÊNCIAS

- ASSIS, M. de. *Obra completa*. Organização de Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2006. (v. 3).
- ASSIS, M. de. *Contos: uma antologia*. Seleção, introdução e notas John Gledson. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. (v. I-II).
- ASSIS, M. de. *Contos*. São Paulo: Ática, 2002.
- ASSIS, M. de. “Ayres e Vergueiro”. Disponível em <https://www.machadodeassis.net/texto/aires-e-vergueiro/39642>. Acesso em: 9 fev. 2026.
- BARCELLOS, J. C. Identidades problemáticas: configurações do homoerotismo masculino em narrativas portuguesas e brasileiras (1881-1959). *Boletim do Centro de Estudos Portugueses*, Belo Horizonte, v. 18, n. 23, p. 7-42, 1998.
- CANDIDO, A. O portador (posfácio). In: NIETZSCHE, F. *Obras incompletas de Friedrich Nietzsche*. Tradução e notas Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Nova Cultural, 1987. (Coleção Os Pensadores).

- CANDIDO, A. Esquema de Machado de Assis. In: *Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 2004. p. 15-34.
- COUTINHO, A. *A filosofia de Machado de Assis e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1959.
- FOUCAULT, M. *História da sexualidade: a vontade de saber*. Tradução Maria Thereza da C. Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 9. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999. (v. I).
- GLEDSON, J. Ideologia e religião. In: GLEDSON, J. *Machado de Assis: impostura e realismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p. 142-173.
- GOULET-CAZÉ, M.-O.; BRANHAM, R. B. (org.). *Os cínicos: o movimento cínico na Antiguidade e o seu legado*. Tradução Cecília Camargo Bartalotti. São Paulo: Edições Loyola, 2007. p. 11-119.
- HOLLANDA, S. B. de. A filosofia de Machado de Assis. In: HOLLANDA, S. B. de. *O espírito e a letra: estudos de crítica literária*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p. 305-312.
- HOLLANDA, A. B. de. *Novo dicionário Aurélio de língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- JAEGER, W. *Paidéia. A formação do homem grego*. Tradução Artur Parreira. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- JOBIM, J. L. (org.). *A biblioteca de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2001.
- LEFRANC, J. *Compreender Nietzsche*. Tradução Lúcia M. Endlich Orth. Petrópolis: Vozes, 2008.
- MAIA NETO, J. R. *O ceticismo na obra de Machado de Assis*. São Paulo: Annablume, 2007.
- NIETZSCHE, F. *Além do bem e do mal*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- NIETZSCHE, F. *Genealogia da moral: uma polêmica*. Tradução notas e prefácio Paulo Cezar de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- ORTEGA, F. *Amizade e estética da existência em Foucault*. Rio de Janeiro: Graal, 1999.
- REALE, M. A filosofia na obra de Machado de Assis. *Academia Brasileira de Letras*, 2009. Disponível em: <http://www.academia.org.br/abl/media/prosa44a.pdf>. Acesso em: 20 set. 2019.